

55

# ROCHA PEIXOTO

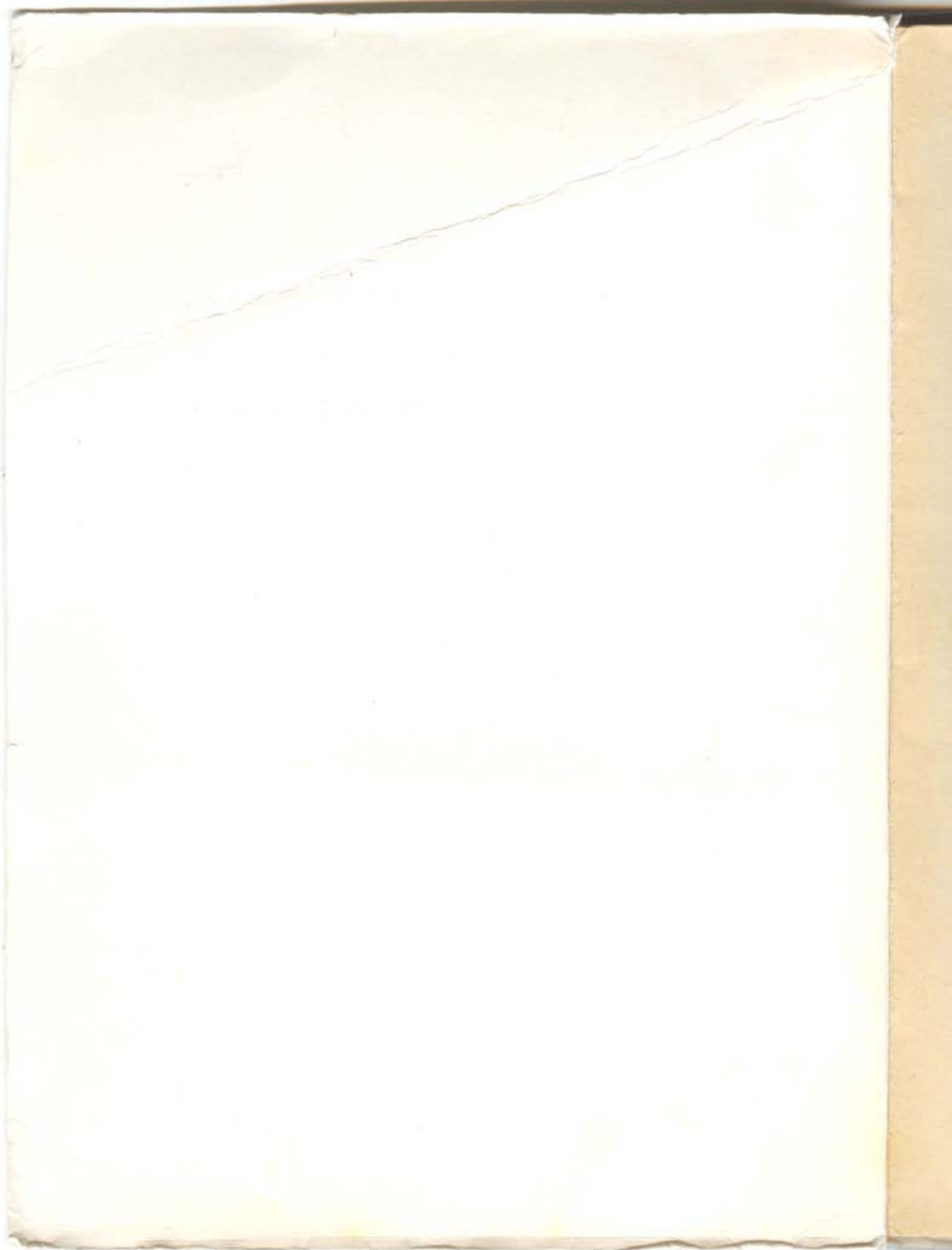
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS  
de  
FLÁVIO GONÇALVES

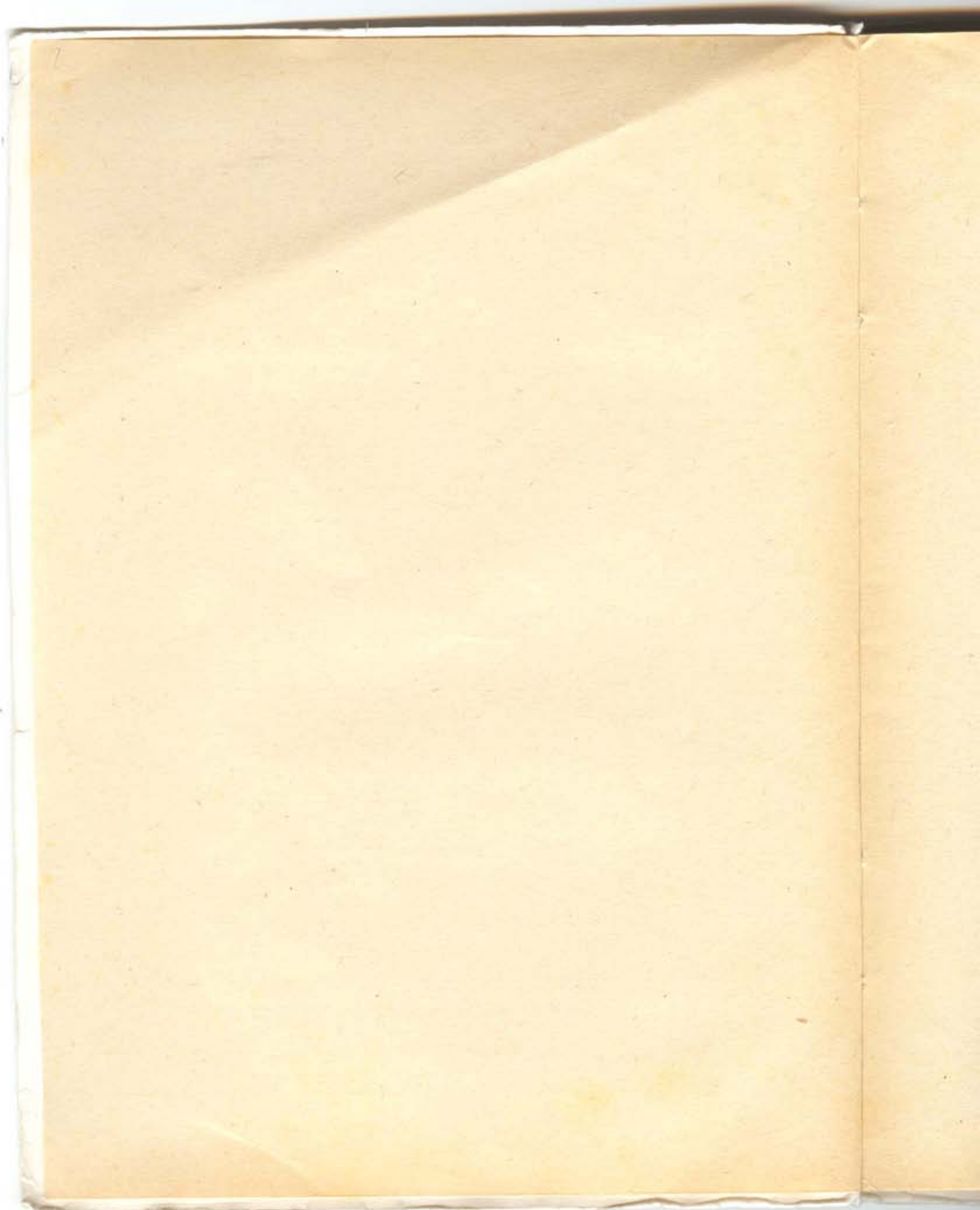
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto  
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO  
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO  
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS

# ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS  
de  
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

1966

<b>CMPV</b>
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota .....

8523

ROCHA PEIXOTO

(REQUISITOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE ESTADO

REDAÇÃO GERAL

SECRETARIA DE ESTADO  
REDAÇÃO GERAL

SECRETARIA DE ESTADO  
REDAÇÃO GERAL  
BRASIL



## O ROCHA PEIXOTO

por *Vasco Ortigão de Sampaio* (\*)

Talvez que eu possa depor, como testemunha amiga e certa, sobre a capacidade intelectual e moral do homem ilustre que há dias deixou para sempre os seus livros e a sua pena.

Desde crianças que nos conhecíamos, desse esse tempo ligeiro e doce em que as cabeças, quando pensam, fantasiam como loucas e coloridamente; umas vezes criando e outras derrubando mundos, nós passámos uma mocidade interessada em grandes aspirações ao Bem. Admirámos exaltadamente os homens de talento, apaixonamo-nos pelos gestos grandes e rasgados, amámos o que era justo, generoso e puro. Claro que, desta forma, era preciso, na nossa índole impetuosa, que demolíssemos o existente, que era torpe e grosseiro; que atacássemos o estatuído com os golpes encantadores da nossa desordenada dialéctica, naquelas horas saudosas, em que, reunidos alguns na própria casa do Peixoto, à Rua da Paz, malhávamos desapiadadamente na cabeça enfeitada e vã da Tolice, e em gritos bárbaros, braços gesticulantes, dávamos o mergulho final à Vaidade humana e à Mentira social. Era esplêndido de fragor quente e sonante, de lance arrojado

---

(\*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 16 de Maio de 1909 (p. 1) [transcrito no jornal *A «Propaganda»*, da Póvoa de Varzim, de 20 de Maio de 1909 (p. 2)].

e temeroso, aquele Rocha Peixoto, loiro e franzino, como um efebo.

Ali, no meio de todos nós, ele era o mais fácil e o mais espontâneo; ele possuía o dom de desconjuntar na dicção, um termo nobremente arcaico e vernáculo, produzindo o aleijão ridículo para as nossas francas gargalhadas; ele sabia vestir uma ideia com a frase mais própria, e para isso nasciam-lhe os vocábulos pitorescamente populares, como se estivéssemos a ver brotar a água viva duma fonte rica e perene.

Moço, nesse tempo, com a alma cheias de esperanças, ele batia-se por todos os ideais da justiça e da bondade; idolatrava a família, como era a sua religião e estimava os seus amigos como seus irmãos. De resto, o Peixoto estudava constantemente; lia muito e escrevia muito.

É curioso notar que uma das características mais interessantes do seu temperamento era a do polemista; ainda muito novo entrava em campanhas literárias, com um ardor bem estranho para a sua idade.

Mais tarde, e todavia na juventude, era obrigado a abandonar os estudos académicos que ele cursava, para tomar a seu cargo o sustento de sua família, mãe e irmãs, que ficavam sós pelo falecimento de seu pai. Com tamanhas responsabilidades, o Rocha Peixoto começa a angariar o próprio pão e dos seus, com uma tenacidade e bravura pouco vulgar, escrevendo e leccionando por vezes. Toma por esta época o lugar de naturalista adjunto ao gabinete e museu de mineralogia da Academia Politécnica, que ele reconstitui e enriquece com verdadeiro amor e atenção cuidadosa.

Por aquele tempo, em contacto diário com a mocidade académica, ele faz estalar o movimento mais lindo de ideias que, talvez até hoje, em gerações de estudantes, não tenha sido igualado, a propósito da deficiência do Museu Muni-

cipal do Porto; e com aquele sinal de duelista que vincava o seu modo de ser, o Rocha Peixoto escreve uma série de folhetos, quase panfletários, insurgindo-se contra o enfatuamento balofo e orgulhoso da cátedra, ferindo, até sangrar, o elemento académico, acorrentado inconscientemente à servidão do mestre numa paralisia de cérebro, só própria de negros que guincham como selvagens. Este abalo comunica-se aos melhores espíritos da academia, repercute-se, e cria uma efervescência tal que passa ao jornal e chega até a interessar, num momento, a Edilidade.

Friso, em detalhe, este facto da sua vida, porque, desde aquela hora, o Rocha Peixoto ficou em evidência pelo seu brilho de raciocínio, pela nobreza dos seus princípios e pela sua vivíssima inteligência.

Identificado, já um pouco antes, com os estudos sérios das ciências naturais e sociais da história e da filosofia, ele fomenta e aquece amorosamente a iniciativa da Sociedade Carlos Ribeiro, nascida dum grupo de rapazes, entre os quais se encontrava fremente de entusiasmo e de felicidade. Aquela sociedade viveu na *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, que depois aderiu elementos valiosos, fora do núcleo embrionário, para que, assim, se prolongasse uma existência que, em geral, em nossa terra e para empreendimentos semelhantes, só tem a duração das rosas de Maio.

Sem deixar nunca o seu lugar, que tanto estimava, de naturalista na Politécnica, o Rocha Peixoto vai ocupar, simultaneamente, a cadeira de professor de ciências naturais numa escola industrial e a direcção da Biblioteca e Museu municipais. Estava na atmosfera das suas inclinações; no silêncio e tranquilidade das salas de estudo; no retiro e recolhimento para a função de pensar.

Um dia, com o pasmo dos mais habituados, a dúvida

dos mais incrédulos e a grosseira insciência da multidão sai essa monumental Revista — *Portugália* — pola grey; são três cérebros poderosos que a engendram e três corações ardentes que a embalam. E ele lá está, nessa maravilhosa trindade, veemente de paixão e brilhante de espírito. É nesta Revista extraordinária e colossal que a ideiação de Rocha Peixoto parece cristalizar-se no problema étnico de Portugal; ali começou ele a sua bela obra, que deixa incompleta, reunindo o material disperso da etnografia nacional, e investigando, numa documentação precisa e detalhada, todos os pontos interessantes das várias manifestações icnológicas, para o estudo do povo português.

O Rocha Peixoto era um homem fisicamente fraco; não possuía musculatura, o tórax ossudo e os braços delgados. A cabeça é que se desenvolvera e apresentava assim uma fisionomia insinuante, de olhar azul e cansado. Conservava, em geral, um ar sisudo e talvez indiferente, porém, não era um céptico, como se poderia supor. Como exemplo pode-se dizer, em verdade, que ele nunca duvidou, apesar do desalento que demonstrava, da regeneração do seu país para melhores dias. Essa era a sua fé e com ela trabalhou sempre; muitas vezes, a sua enérgica força de vontade venceu dificuldades que a muitos pareceriam insuperáveis e era sempre a sua crença que dava ânimo.

Na vida íntima era bondoso e simples como uma criança. Mas actualmente, no nosso meio sáfaro e hostil, é penoso viver com o espírito cheio de magníficas ideias, lindas de sonho, como os voos de concepções de arte e literatura, e óptimas de fecundidade, como os labores das investigações da ciência. É, na realidade, árduo, extenuante e incompreendido todo o esforço do pensamento que se levanta mais alto do que a vulgar preocupação da vida para o gozo material. E assim, averiguando-se

que é justa, como se vê em todos e por tudo, esta proposição, e dados o arrojo e a tendência natural de certos intelectuais àquela fadiga de servir o seu país, pela interferência da inteligência nas levantadas direcções de brilho e utilidade, deve-se concordar triste e desoladoramente que o melhor é... morrer.

Tremenda conclusão, mas verdadeira ilação!

Que importa ao interesse dos homens as estrelas que brilham e rebrilham sempre da luz puríssima; o sol que doira e destaca os relevos e as cores; a água que se despenha em massa nos açudes, como um cristal fluido, ou que se estende, alastra e reflecte em si o arvoredo, as núvens e as aves! Que importa que tudo isto acorde a alma de um poeta ou vibre a sensibilidade de um pintor! Que importa venham o architecto e o estatuário embeber-se na harmonia das formas, interessar-se pelas linhas estéticas, a fim de conceber o monumento e a estátua, a estátua feita carne e o monumento feito ideia! E importará, por acaso, que o homem cientista estremeça no seu íntimo, recolhido e silencioso, à busca da Verdade?

Não importa, e nunca importou ao comum dos homens; contudo, o Rocha Peixoto retrai-se do convívio, isola-se, estuda e trabalha com uma satisfação de fanático, rodeado por esse mundo inerte e indiferente. E foi envolvido por essa indiferença crua e indomável que a flor grande e maravilhosa daquele espírito sagacíssimo, abriu as pétalas de fragância perturbante no cálice firme e cerrado dos seus profundos conhecimentos.

## ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves .....	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i> .....	10

### DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira .....	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo .....	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre .....	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio .....	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?] .....	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros .....	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro .....	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade .....	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho .....	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha .....	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães .....	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão .....	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa .....	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno) .....	103
[ <i>Rocha Peixoto</i> ], por Correia Pacheco .....	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira .....	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino .....	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão .....	123

### MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i> .....	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i> .....	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i> .....	152

## ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i> .....	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i> .....	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i> .....	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i> .....	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i> .....	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i> .....	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i> .....	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i> .....	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i> .....	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i> .....	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i> .....	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i> .....	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i> .....	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i> .....	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i> .....	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i> .....	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i> .....	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i> .....	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i> .....	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i> .....	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i> .....	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966







«marânus» - porto